

A EXPRESSÃO "ESTE POVO" NO "LIVRO DO EMANUEL" (ISAÍAS 6,1-9,6)

PROFECIA E GRUPOS DOMINANTES EM CONFLITO

Pe Daniel Picolli

INTRODUÇÃO

Na minha experiência de trabalho pastoral e de leitura popular da Bíblia junto às CEB's do Nordeste, pude constatar que a prática e a mística profética têm grande valor para a caminhada. Sobretudo na crise e no conflito, a profecia constitui um elemento fundamental para o discernimento de uma prática solidária e libertadora. Nesta perspectiva, a profecia continua sendo relida e atualizada em diferentes contextos.

As profecias de Isaías mereceram, tanto no passado como no presente, uma atenção especial neste processo de releitura e atualização. O Novo Testamento e a Tradição Católica têm

destacado sobretudo as profecias contidas no chamado "*Livro do Emanuel*" (Is 6,1-9,6; Cf Mt 13, 14-17).

A expressão "*este povo*" é um dos elementos que mais se sobressai nesta unidade literária; aparece cinco vezes em dois capítulos (6,9-10; 8,6.11-12) A partir desta constatação inicial, levantamos a hipótese que a expressão "*este povo*" tem destaque nesta unidade e está ligada a questões fundamentais e atuais da profecia.

Delimitamos os nossos estudos à análise desta expressão no "*livro do Emanuel*". Comparamos, em seguida, os resultados desta análise com o uso da mesma expressão, no restante dos caps. 1-39 de Isaías.

I. OBJETIVO DA TESE

Uma vez constatando que a expressão "este povo" se destaca no "livro do Emanuel",¹, nos propomos definir quem é "este povo" em 6, 9-10, 8,6,11-12 e também em 9,15; 28,11; 14 e 29,13-14.

Para realizar este estudo, analisamos inicialmente a estrutura literária de 6, 1-9,6, o horizonte histórico ideológico-religioso desta unidade. A esse respeito, constatamos divergências de opiniões entre os comentaristas. Não foi nossa intenção, e nem é objetivo deste trabalho, discutir detalhadamente todas as questões exegéticas relativas ao "Livro do Emanuel". O nosso objetivo principal foi focalizar o contexto histórico, a época da profecia e o contexto ideológico-religioso, para, à luz desta análise, compreender o significado literal, sociológico e teológico da expressão "este povo".

II- ALGUNS DADOS RELATIVOS AO CONTEXTO HISTÓRICO DO "LIVRO DO EMANUEL"

O dado principal, constatado nesta análise, foi que boa parte do "Livro do Emanuel" (6,1-8,18) pertence ao primeiro período da atividade profética de Isaías (736-732 a.C.). Este período esteve marcado principalmente pelo conflito siro-efraimita.² A reda-

ção isaianica destas "memórias" é dos anos 732-730 a.C.

Estamos, portanto, na época da crise entre Judá e a "Liga siro-efraimita", durante o reinado de Acáz. Razin de Damasco e Facéia de Samaria planejavam colocar um outro pretendente no trono de Judá ("o filho de Tabeel", Cf.7,6). Diante desta ameaça, Acáz pediu ajuda à Assíria. Este foi o motivo principal que provocou o conflito entre o profeta Isaías e os grupos dirigentes de Jerusalém.

No nosso estudo, analisamos cada uma das perícopes que contém a expressão "este povo", sempre a partir deste "conflito central". A compreensão do contexto e a intencionalidade do autor, foram elementos indispensáveis para precisar o significado das palavras e das expressões usadas pelo profeta ("este povo", "povo", "meu povo", "teu povo", "seu povo", "casa de Davi-Casa de teu Pai" e "o habitante de Jerusalém").

III- A EXPRESSÃO "ESTE POVO" NO "LIVRO DO EMANUEL"

Uma vez definida a estrutura literária do "Livro do Emanuel"³ e o seu contexto histórico, optamos por analisar primeiro o oráculo das "águas de Siloé" (8,5-8) e, logo em seguida, a unidade de 8,11-15 completamos

esta análise com o estudo de expressões similares presentes no cap 7 ("teu povo", "seu povo", "casa de Davi casa de teu pai"). Sucessivamente, analisamos a expressão "este povo" no cap 6 (v.9-10).

1."ESTE POVO" EM 8,6

O oráculo em questão (8,5-8) tem provocado discussão entre os comentaristas. Os pontos mais polêmicos são: a interpretação da frase "já que 'este povo' rejeitou as águas de Siloé que correm mansamente e se alegrou (apavorou?) com Razin e o filho de Romelias" (v.6); a presença da expressão "ó Emanuel" (v.8b), a delimitação do dito profético original e a identificação da expressão "este povo" ("este povo" do v.6a corresponde a "Judá" do v.8a).

O oráculo das "águas de Siloé" deve ser entendido como uma crítica à política dos dirigentes de Jerusalém que, diante da ameaça siro-efraimita (Cf 7,1-2 . 5-6), recorreram à proteção assíria. Este pedido de ajuda, em vez de trazer segurança e proteção, trará destruição e morte para Judá (v.7-8).

Com relação à frase "este povo rejeitou as águas de Siloé...", entende-

mos que ela representa a acusação do profeta contra os grupos dirigentes de Jerusalém, que rejeitaram a proteção divina. O que está em jogo é o discernimento diante de uma situação de perigo (ameaça siro-efraimita). Este discernimento exige fé e confiança em Javé: "se não credes, não vos mantereis firmes" (Cf 7,9b). A estabilidade do trono de Davi e a segurança de Sião, para o profeta, dependem exclusivamente da proteção divina.

Quanto à expressão "ó Emanuel" (v.8b), a grande maioria dos comentaristas concorda que se trata de um acréscimo posterior.

Com relação à delimitação do dito profético original, constatamos que a forma literária, a linguagem e o estilo mudam sensivelmente a partir do v.7b ("o rei da Assíria e o seu peso todo. E subirá por cima...") Por isso, somos da opinião que o dito profético original compreende o v.6 (=fundamentação de dito profético) e o v.7a (= ameaça ou castigo), segundo o esquema clássico dos "ditos proféticos" fundamentação ("já que")- ameaça/ castigo ("por isso: eis que")⁴.

Levando em conta estes elementos, concluímos que o profeta dis-

1 - A expressão "este povo" aparece dez vezes em Is 1-39; seis vezes somente nos caps. 6-9 (6, 9-10; 8,6, 11-12 e 9,15). Não encontramos esta expressão no restante do livro de Isaías. Cf. MANDELKERN Solomon: *Veteris Testamenti Concordantiae Hebraicae atque Chaldaicae*, Tel Aviv, M. Gottsteinii Ediciones, 1971, p.885-892.

2 - Com relação a este conflito, Cf. THOMPSON Michael E. W., *Old Testament interpretation of the syro-ephraimite war*. In: *Situation and Theology*, Sheffield, The Almond Press, 1982, p.22-62. O autor dedica o cap III às "memórias de Isaías" relativas a este conflito. Cf. Também GOTTWALD Norman K; *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*, São Paulo, Edições Paulinas, 1988, p.358 ALONSO SCHOKEL Luis & SICRE DIAZ José Luiz, *Profetas I. Isaías e Jeremias*, São Paulo, Edições Paulinas, 1988, p.105.

3 - A unidade literária 6,1-9,6 pertence a uma estrutura maior que abrange parte do cap.5 e chega até o cap 10, formando uma moldura literária na qual se situam os caps. 6-9. Podemos expressar esta estrutura literária da seguinte forma: 5,8-24: oráculos de desgraça contra os chefes judaítas; 5,25-30: invectivas contra Israel; 6,1-9,6: "Livro do Emanuel", 9,7-21: invectivas contra Israel; 10,1-4: oráculos de desgraça contra chefes judaítas. Cf. GOTTWALD, N. K; op. cit; p. 362. Também AUVRAY Paul. *Isaie 1-39* (Coleção "Sources Bibliques"), Paris, J. Gabalda Éditeurs, 1972, p. 85.

4 - WILDBERGER Hans. Reachazar. In. *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, Vol. I, Madrid, Ediciones Cristandad, 1985, cols.1200-1217. Também MORIARTY Frederick L. *Isaia 1-39*. In: *Grande Comentário Bíblico Queriniana*, Brescia, Editrice Queriniana, 1973, p.350. Ellis, Peter F. "1-2 Re", in: *Grande Comentário Bíblico Queriniana*, Brescia, E. Queriniana, 1973, p.238. CROATTO Severino José. *Isaías: o profeta da justiça e da fidelidade*. Vol.I, 1-39 (coleção "comentário Bíblico"), São Paulo, Vozes, 1989, p.68. SCHWANTES Milton. *Isaías (textos selecionados)*. Série: Exegese, vol.8, fascículos 1-2, São Leopoldo, Setor de Publicações Faculdade de Teologia da IECLB (distribuição interna), s.d; p.143.

tingue entre a culpa ("este povo rejeitou as águas de Siloé") e o castigo (v.7-8). Ao contrário da maioria dos autores, nós somos da opinião que "este povo", do v.6, não se refere ao povo em geral, mas somente aos grupos dirigentes de Jerusalém. Estes são culpados de terem rejeitado a proteção divina. O castigo, porém, atingirá toda a população de Judá (v.8a).

2. "ESTE POVO" EM 8,11-12

No oráculo de Is 8,11-15, encontramos uma estrutura literária e uma linguagem característica. Por meio delas, o profeta destaca o "conflito central". De um lado, estão "este povo", "as suas casas de Israel" e "o habitante de Jerusalém", de outro, o profeta, o grupo dos "vós" e o próprio "Javé dos exércitos".

Deus, no começo do oráculo (v.11), ordena ao profeta de afastar-se do "caminho deste povo". Esta instrução tem uma motivação de ordem religiosa e o v.13 aponta nesta direção. Para Isaías, a santidade de Javé deve ser proclamada por uma prática (também política) diferente e da conduta de "este povo" ("caminho" indica também conduta). O mesmo Deus, que sustenta e dá força ao profeta (Cf v.17), é também "pedra de tropeço e rocha de obstáculo para as duas casas de Israel" (Cf. v.14).

Os tradutores e os comentaristas encontram dificuldade em traduzir e

interpretar a palavra "conspiração" (v.12). Também encontraram dificuldade na identificação dos ouvintes de Isaías ("vós")⁴.

Quanto à primeira questão, somos da opinião que também Isaías foi acusado de pertencer ao grupo que queria derrubar Acáz do trono. Não temos, porém, maiores informações a esse respeito. Acredito que esta acusação se deve ao fato de Isaías ter-se manifestado contrário à decisão da corte de pedir ajuda à Assíria.

Com relação ao grupo "vós" (v. 12-13), acredito tratar-se dos filhos do profeta, dos discípulos e, provavelmente, de outros ouvintes que também se manifestaram contrários à política de Acáz.

Levando-se em conta o contexto e o âmbito específico deste oráculo, a sua estrutura literária e a sua linguagem simbólica, concluímos que a expressão "este povo", em 8,11-12, se refere ao rei Acáz, à sua corte, aos seus conselheiros e militares responsáveis pela segurança do trono. Também neste caso, como em 8,6, "este povo" não indica toda a população de Judá, mas os grupos dirigentes de Jerusalém.

3. AS "EXPRESSÕES SIMILARES" DO CAP 7.

Analisando algumas expressões presentes no cap. 7, verificamos que "teu povo" e "seu povo" são idênticos. O profeta se refere à corte do

rei Acáz e aos que têm ligação com o palácio. Quanto à "casa de Davi" e à "casa de teu pai" (7,17), concluímos tratar-se da família do rei, do seu clã e dos davididas. Com relação à expressão "o habitante de Jerusalém", somos da opinião que se trata de uma expressão técnica para indicar o rei de Judá⁷.

Como pode-se observar, todas estas expressões, presentes no capítulo 7, indicam grupos e pessoas que exercem o poder em Judá, durante os anos 736-732 a.C., época do conflito siro-efraimita.

4. "ESTE POVO" EM 6,9-10

Partindo da constatação de que Isaías tinha sido enviado, pelo próprio Javé, ao rei Acáz e à sua corte (7,3), e que este povo rejeitou a proteção divina (8,6) e o sinal do "Emanuel" (7,12), cabe perguntar: porque isto aconteceu? como explicar esta falta de compreensão e este fechamento total? A resposta está em 6,9-10: "Este povo" rejeitou a proteção divina por falta de compreensão. O seu "coração" ficou endurecido; os seus "ouvidos" tampados e os seus "olhos" fechados. Para "este povo" não há nenhuma chance de cura ou de conversão. A construção literária (o "quiasmo" do v.10) deve ser entendida, a meu ver, como uma alusão aos três níveis de atuação da corte de Jerusalém: político (= "coração"), ideológico (= "ouvidos") e religioso (= "olhos").

Os v. 9-10 referem-se, portanto, não ao povo em geral, mas ao rei Acáz e aos seus ministros ("coração deste povo"). Por falta de compreensão, tomaram decisões erradas (o coração é o órgão das decisões). Isto aconteceu porque os seus conselheiros ("ouvidos deste povo") não escutaram a Javé, que falava por meio do seu profeta. Eles deram à corte conselhos errados e contrários à vontade de Deus.

Também os sacerdotes e os profetas ligados à corte ("olhos deste povo") não compreenderam que o "Emanuel/Deus-Conosco" não seria garantia irrestrita e incondicional de proteção e de segurança para o trono ("se não crederes, não vos mantereis firmes"; Cf. 7,9b). A falta de discernimento, produziu falsa segurança e decisões contrárias à vontade de Deus. Por tudo isto, Javé abandonou "este povo". As palavras e a prática do profeta acabam endurecendo, ainda mais, o coração dos grupos dirigentes de Jerusalém.

IV. "ESTE POVO" NO RESTANTE DOS CAPS. 1-39

Além de 6,9-10 e 8,6. 11-12, a expressão "este povo" encontra-se cinco vezes também no restante dos capítulos 1-39 de Isaías.

1. "ESTE POVO" EM 9,15

A grande maioria dos comentaristas concorda que a frase "os condutores deste povo" se refere aos chefes militares e políticos de

5 - WOLFF Hans Walter. *As fundações dos ditos proféticos de salvação e de desgraça*, São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1985, p.24.

6 - Com relação à palavra "conspiração", houve quem traduzisse por "duro", "pesado"; outros leram "santo". Cf. AUVRAY, P. op. cit; p.144. Também: STEINMANN Jean. *Le Prophète Isaïe: sa vie, son oeuvre et son temps* (Col. "Lectio Divina"-5), Paris, Les Édition du Cerf, 1950, p.247. Também Cf. CROATTO, S. J; op. cit; p.70 e SCHWANTES, M, op. cit; p.147.

7 - O verbo "sentar-se", "estar estabelecido", se encontra muitas vezes associado ao trono ou ao reino, tornando-se assim uma expressão técnica ao trono ou ao reino. Por tudo isto, "foi mostrado em estudos recentes que a expressão pode se referir não à população em geral e sim aos governantes, os que se sentam nos tronos". Cf. CROATTO, S.J; op. cit, p.71.

Samaria. O profeta acusa-os de terem conduzido a população do reino do Norte por caminhos errados, provocando assim a destruição total (722/721 a.C.).

2. "ESTE POVO" EM 28,11-14

Pelos elementos presentes no texto, constatamos que o oráculo de Is 28, 7-11 se refere a um grupo específico: "O sacerdote e o profeta" (28,7), que zombaram de Isaías. Por isso, o próprio Javé zombará deles, falando-lhes numa língua incompreensível (28,13). Neste oráculo, o contexto e a época mudam. Estamos, agora, no reinado de Ezequias, quando Judá preparava, em segredo e com o apoio do Egito, a revolta contra a Assíria (711-705 a.C.). O conflito, porém, continua sendo idêntico ao que encontramos em 6,9-10 e 8,6. 11-112. Isaías entra novamente em confronto com os responsáveis religiosos ligados à corte e os conselheiros políticos (28,14) do rei Ezequias. O motivo do conflito é, mais uma vez, a falta de compreensão de "este povo" e a aliança política de Judá com o Egito (28,15).

3. "ESTE POVO" EM 29,13-14

O oráculo de 29,9-16 é da mesma época do anterior (711-705 a.C.). O profeta se refere novamente a um grupo específico. A glosa explicativa do v.10 confirma esta interpretação. A expressão "este povo" indica, aqui também, os grupos dirigentes de Jerusalém ligados à corte do rei Ezequias.

V. CONTRIBUIÇÕES E CONFRONTO COM DIFERENTES COMENTÁRIOS À EXPRESSÃO "ESTE POVO".

A pesquisa bíblica, relativa à expressão "este povo", trouxe preciosas contribuições à nossa tese e também questões polêmicas. As maiores contribuições vieram dos autores que procuram definir se a expressão "este povo" refere-se a toda a população ou a grupos específicos. Entre estes autores, destacamos J.S Croatto, L. Sicre, M. Schwantes, P. Auvray, M. E. W. Thompson, J.M. Asurmendi e R. B. J. Scott⁸.

Por outro lado, um grupo considerável de autores interpreta a expressão "este povo" num sentido amplo e genérico⁹. Para eles, "este povo" indi-

ca toda a população de Judá ou de Samaria. Somente em 9,15 ("condutores deste povo") e em 28,14 ("governantes deste povo"), estes comentaristas afirmam que Isaías se refere aos grupos dirigentes e não ao povo em geral.

Entre todos estes autores, J. Bohemer¹⁰ é o único a ter dedicado um artigo específico à expressão "este povo". As suas afirmações, porém, são polêmicas. Para J. Bohemer, esta expressão é fruto de uma inserção redacional e não tem conotação de desprezo ou de rejeição. O autor afirma que "encontramos, em Isaías, atitude de desprezo e de rejeição. Porém, não contra o seu povo, mas contra os seus chefes, os seus anciãos, os sacerdotes, os profetas, numa palavra: contra os que governam"¹¹.

O limite de J. Bohemer consiste, a meu ver, em não identificar justamente este povo com "os guias que governam" o povo. Nós, ao contrário, afirmamos que a expressão "este povo" foi forjada por Isaías e tem destaque em 6,1-9,6. Afirmamos também que a expressão tem sempre uma conotação negativa. Chegamos a esta conclusão, não analisando a expressão em si, como faz J. Bohemer, mas levando em conta o contexto em que aparece a expressão "este povo" e o "conflito central" entre o profeta e os grupos dirigentes. Quanto à afirmação que esta expressão seria uma inserção redacional, nenhum outro autor apóia esta tese de J. Bohemer.

Uma outra questão polêmica encontra-se no oráculo das "águas de Siloé" (8,5-8). Este povo, do v.6a, corresponde a "Judá" do v.8a? Vários comentaristas, como M. Schwantes e L. Alonso Schokel, entendem que "este povo" e Judá correspondem. Nós levantamos duas hipóteses; a primeira baseada na análise literária do oráculo, seria considerar como dito profético original somente os v.6-7a. Neste caso, "este povo" não corresponde a Judá. A segunda hipótese, baseada na análise sociológica, seria distinguir entre a "culpa" deste povo e o "castigo". A destruição atingirá toda a população de Judá. Esta interpretação, apoiada também por J. S. Croatto, J. L. Sicre e M. E. W. Thompson¹², é coerente com a nossa análise e com o "conflito central" entre o profeta e os grupos dirigentes de Jerusalém. De fato, Isaías não entrou em conflito com todo o mundo, mas somente com Acáz, a sua corte e os grupos dominantes de Judá.

VI. CONCLUSÕES

A partir da análise literária e sociológica da expressão "este povo", chegamos às seguintes considerações finais.

1. O SENTIDO TEXTUAL DA EXPRESSÃO "ESTE POVO"

O profeta Isaías, ao forjar esta expressão, não generaliza tanto como parece. Ela tem destaque no "livro do Emanuel" e indica afastamento e re-

8 - Cf, por exemplo, CROATTO, J. S; op. cit; p. 179-180; "a expressão "este povo" não é generalizadora mas uma alusão aos dirigentes de Jerusalém. Thomposn, M.E.W., op. cit., p.50-51: "Este Povo" é uma expressão que manifesta o conflito entre Isaías e Acáz durante a crise siro-eframita; ela se refere a um grupo específico e não a todo o povo". Também SICRE José Luís. *A justiça social nos profetas*, São Paulo, Edições Paulinas, 1990, p.265 e 279.

9 - Autores que interpretam "este povo" num sentido amplo genérico: ALONSO SCHOKEL, L. & SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I*, p.144; 154;156 e 152. MORIARTY, Frederick L. *Isaia 1-39*. In: Grande Comentario Bíblico, Queríniana, p.348;351 e 359-360. RIDDERBOS, J. *Isaías*, p.59;108-111 e 224. KAMP, Peter W. Van de, *O profeta Isaías*, p.30; 39-40 e 116. GIROTTI, Giuseppe. *Il libro di Isaia*. In: *Introduzione Generale ai profeti*, p.197 e 235. PENNA, A; *Isaia*. In. *La Sacra Bibbia*, p.88; 108; 124 e 270. KAISER, W. C. Jr; *Teologia do Antigo Testamento*, p.214. KAISER, Otto; *Isaiah 1-12*, p.131 e 190. ASURMENDI, Jesus M; *Isaías 1-39*, p.29. RONDELEUX, L. J; *Isaie et le prophétisme*, p.60. LA SAINTE BIBLE: *Test avec commentaires*, p. 55. STEINHMANN, Jean. *Le prophète Isaie*, p.41. AUVRAY, Paul. *Isaie*, p.90-91. Os comentários Judaicos e o Targum "Jonatã". DELITZCH, Franz, *Jesaja*, p.102 e 127.

10 - BOEHMER Julius; *Dieses Volk*. In. *Journal of Biblical Literature*, volume XLV, 1926, p.134-148.

11 - *ibidem*, p.148

12 - CROATTO, S J; op. cit; p.68; SICRE, L; op. cit; p.265 e 279. THOMPSON, M. E. W; op. cit; p.50-51.

jeição, ao contrário da expressão "meu povo", que indica pertença e familiaridade seja como profeta, seja como Javé. "Se diz este povo, então é porque o rejeitou"¹³. De fato, em momento algum fala-se algo de positivo a respeito de este povo. O contexto literal é sempre de acusação, de crítica e de castigo. Chegamos à conclusão que, de um ponto de vista literário, não nos parece sustentável uma interpretação genérica desta expressão. É preciso verificar caso a caso, levando-se em conta o contexto, a intencionalidade do autor e o âmbito específico no qual se encontra a expressão "este povo".

2. O SENTIDO HISTÓRICO E SOCIOLÓGICO DA EXPRESSÃO "ESTE POVO"

O estudo mostrou que, por trás da expressão "este povo", estão a crise e o conflito entre a profecia e os grupos dirigentes de Jerusalém. Concretamente, o conflito entre Isaías e as cortes do rei Acáz (6,9-10, 8,6.11-12) e do rei Ezequias (28,11-14). Somente em 9,15, a expressão se refere aos dirigentes de Samaria.

3. O SENTIDO TEOLÓGICO DA EXPRESSÃO "ESTE POVO"

Neste estudo, verificamos que a expressão "este povo", além, de ter a sua origem no confronto e no conflito com os grupos dirigentes de Jerusalém, está relacionada à prática e ao conteúdo da profecia de Isaías. Esta profecia é o discernimento da fé, sobretudo em tempo de crise e de conflito, "se não crederdes, não vos mantereis firmes" (Cf. 7,9b). Os tex-

tos analisados enfatizam a dimensão política e ideológica do "conflito central". O fazem, porém, a partir de uma experiência pessoal e de uma profunda visão de Deus, típica de Isaías. Refiro-me sobretudo à experiência de "Javé dos Exércitos" sentado no trono (6,1-2); ao "Emanuel/ Deus-conosco" (7,14); a "Javé dos Exércitos que habita no monte Sião" (7,14); a "Javé dos Exércitos que habita no monte Sião" (8,18) e agarrou o profeta com força (8,11a). Este mesmo Deus, que sustenta o profeta, o envia e lhe dá força na sua missão contra "este povo", é também "pedra de tropeço e rocha de obstáculo para as duas casas de Israel" (8,14); um "laço" e uma "armadilha" para este povo que rejeitou a proteção divina (8,6). Para uns, Deus é proteção e segurança ("conosco está Deus"); para outros ("este povo"), castigo e rejeição.

A crise política foi a oportunidade que os grupos dirigentes de Judá tiveram para o discernimento da real vontade de Deus. Por falta de fé e de compreensão, as palavras do profeta acabaram fechando todas as portas e todas as possibilidades de conversão e de mudança para esta classe dirigente. Por outro lado, as palavras do profeta e a sua prática, trouxeram e continuam trazendo ainda hoje, a certeza de que o "Emanuel/ Deus-Conosco" é a força que sustenta todos aqueles que têm sua confiança em Deus e lutam por vida digna, fraterna e solidária. A estes, afirma Jesus atualizando o profeta Isaías, "é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a esses ("este povo") não é dado" (cf. Mt 13, 11. 14-15).

CONSCIÊNCIA E TESTEMUNHO

Pe. Dr. José Adriano

A situação conflitual e de sofrimento reclama uma ação testemunhal da Igreja. Para servir o homem, respondendo ao anseio de liberdade e dignidade, em sua missão evangelizadora, ela assuma uma consciência crítica e aguda de si mesma enquanto missionária de Cristo no mundo, e da situação histórica concreta em que vivem os homens. Formar e despertar a consciência para a verdade de Cristo, da Igreja e do homem, é realizar um testemunho objetivo.

Na realidade em que está empenhada em evangelizar e transformar, a Igreja mostra sua face profundamente profética. Seu testemunho continua o testemunho de Cristo¹ como anúncio de sua Palavra e do Reino do Pai, denúncia das situações de pecado contrárias ao Reino e serviço na caridade e na esperança junto àqueles que estão empenhados em construir uma nova humanidade.

O testemunho da Igreja é o mesmo testemunho de Cristo dado em

favor do homem. Diante de uma situação conflitual nem sempre ele é compreendido e aceito, por isso a Igreja muitas vezes paga tributo ao seu projeto missionário e evangelizador. Assim, a história da evangelização e refrontalização da Igreja é também, muitas vezes, uma história de martírio.

I. CONSCIÊNCIA E TESTEMUNHO

A consciência constitui um importante referencial para o testemunho. Ela é considerada fundamental para discernir o desígnio de Deus na história e na vida do povo. À partir da revelação expressa na Sagrada Escritura e interpretada pelo Magistério da Igreja, junto com os sinais dos tempos, ela forma o quadro dentro do qual os cristãos buscam realizar sua vocação².

Na reflexão teológica e também na ação pastoral, a consciência vem entendida como conhecimento e julgamento da realidade objetiva e, ao

1. Cf. LG 12,36

2. R.RINCaN reconhece a consciência como fenômeno universal de importância histórica, in *Praxis Cristiana*, v.I, Madrid 1980, 347-367